

# QUANDO AS FORMAS SE TORNAM RELATOS



Roberto Fernández Retamar, intelectual cubano, autor do ensaio Caliban, conta-nos que, uma certa vez, em conversa com um jovem jornalista europeu, teria sido indagado se existiria uma cultura latino-americana. "Ora", diz Retamar, "perguntar sobre a existência de uma cultura latino-americana é, afinal, o mesmo que perguntar sobre nossa existência! Retamar, então, é impelido a redarguir o jovem periodista, perguntando: "e vocês, existem?".

O problema, como já se pode ver, tem mil nuances e a resposta, certamente, não é das mais simples. Mas, diante da paradoxal questão, o que parece ser buscado não é simplesmente uma prova ontológica de nossa existência, transformando a questão numa querela medieval, mas, entender de que modo peculiar se daria tal existência. Eis o propósito do ensaio de Retamar sobre o pensamento latino-americano.

Retamar, então, parte da famosa personagem da peça de Shakespeare, A Tempestade, conhecida por Caliban. Anagrama de canibal, numa primeiríssima relação, Caliban é evocado como uma espécie de alegoria-conceito para pôr em evidência, não o tempo da existência da América Latina, da cultura latino-americana, de um pensamento latino-americano, mas a diferença posta por sua existência.

Figura monstruosa aos olhos do europeu, não é de se estranhar, Caliban é descrito, segundo o imaginário da época, como uma besta. Aparência humana, mas, por

seus hábitos estranhos, um animal. Incivilizado e inculto. E, assim, como os animais, deveria ser domesticado. Destino certo, os povos aqui encontrados eram povos domesticáveis aos propósitos da exploração europeia. Cumprindo, pois, sua natureza, o fato é que o autóctone aprendeu a língua do colonizador, mas foi, entretanto, um aluno rebelde, pois, em sua indisciplina com os instrumentos do colonizador, aprendeu a praguejar.

Assim, na figura proposta por Retamar, temos, talvez, a estrutura fundamental de um modo particular de organizar nossa existência. Caliban assimilou a cultura do colonizador, mas tal assimilação não se deu acriticamente. Foi devorada e se tornou, por fim, criação. Caliban tornou-se, assim, símbolo da resistência criativa que, ao longo dos séculos, conferiu ao pensamento e à cultura latino-americana feições totalmente inusitadas.

O Selo Caliban, fruto de uma parceria entre a Editora UnB e a Casa da Cultura da América Latina, espaço ligado à Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, nasce com a missão de proporcionar ao público as reflexões produzidas nas diversas ações que ali se desenvolvem. Espaço de resistência cultural e espaço de resistência intelectual. A indisciplina de Caliban, para dizer como Félix Valdès García, é, ao mesmo tempo, as premissas de nossa emancipação.

**Alex Calheiros**

# QUANDO AS FORMAS SE TORNAM RELATOS



**Márcia Abrahão Moura**

Reitora

**Enrique Huelva**

Vice-Reitor

EDITORA



**Germana Henriques Pereira**

Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Germana Henriques Pereira

Fernando César Lima Leite

Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende

Carlos José Souza de Alvarenga

Estevão Chaves de Rezende Martins

Flávia Millena Biroli Tokarski

Izabela Costa Brochado

Jorge Madeira Nogueira

Maria Lidia Bueno Fernandes

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Verônica Moreira Amado

# QUANDO AS FORMAS SE TORNAM RELATOS

**ORGANIZAÇÃO**  
RENATA REIS

CALIBAN

EDITORA  
 **UnB**



**Olgamir Amância Ferreira**  
Decana de Extensão

**Alex Calheiros**  
Diretor de Difusão Cultural

**Gregório Soares**  
Coordenador das Casas  
Universitárias de Cultura

#### EXPEDIENTE

**Realização**  
Casa da Cultura da América Latina - DEX / UnB

**Organização**  
Renata Reis

**Revisão**  
Renata Reis e Vilany Kehrlé

**Projeto gráfico, diagramação e capa**  
Helena Lamenza

**Fotografia**  
Estefânia Dália e Paul Setúbal

---

## SUMÁRIO

<b>8</b>	Ouvir as Ruas, Ver a Cidade
<b>10</b>	...quando as formas se tornam relatos
<b>16</b>	Mapa da exposição
<b>19</b>	Obras
<b>51</b>	Artistas
<b>58</b>	Curadoria
<b>60</b>	Ficha técnica da exposição

O15 Quando as formas se tornam relatos / organização, Renata Reis.  
– Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2020.  
58 p. ; 27 cm.

ISBN 978-85-230-0908-3

1. Exposição - Brasília - Brasil. 2. América Latina.  
3. Arte - Catálogos. I. Reis, Renata.

CDU 7

## Ouvir as Ruas, Ver a Cidade

**Alex Calheiros**

Diretor de Difusão Cultural

A Casa da Cultura da América Latina reabre suas portas com a mostra "Quando as formas se tornam relatos". Nessa primeira exposição, do ano de 2017, assumimos o desafio de repensar o seu lugar institucional, isto é, redesenhando sua missão enquanto espaço público e universitário, inserido na cidade, avaliando criticamente seu percurso até ali com o fito de melhor planejar seu futuro.

De fato, quando surgiu, em fins dos anos de 1980, no contexto ainda da redemocratização do país e do amplo debate nacional que culminou na Constituição, a CAL - como ficou conhecida – passou a ocupar um

espaço fora do campus universitário, precisamente no Setor Comercial Sul, o núcleo com mais cidadãos da cidade. A primeira intenção foi que funcionasse na Casa Niemeyer, que se tornou patrimônio da UnB em 1980, e, naquele momento, pensada para ser um espaço cultural, função que foi retomada e repensada sob a nossa gestão.

Desde sempre, a UnB compreendeu, talvez educada pelos movimentos culturais do final dos anos 1970 e início da década de 1980, reivindicações do uso dos espaços públicos, que seu lugar também deveria ser as ruas. Este impulso de ocupação da

cidade andava em acordo com um grande movimento de tomada das ruas em todo o país, acostumado a andar acuado nos corredores e cômodos de sua própria casa. "Andando de lado e olhando pro chão", como dizia a canção.

Numa concepção mais conservadora de extensão, é apenas a cidade que vai à Universidade, mas, a partir dali, o caminho se completou e a Universidade também foi ao encontro das pessoas. A CAL, felizmente, ficou no meio da cidade e ganhou as ruas. Com a mostra "Quando as formas se tornam relatos" tal disposição se afirmou deslocando-se das

galerias, ocupando salas de reunião, de diretoria, tomando halls e corredores, banheiros e calçadas, subvertendo lugares comuns de um espaço cultural e expositivo. Nessa exposição, não somente as obras ali expostas, mas o próprio recinto foi posto em discussão. O público teve que deslocar-se com um mapa à mão, desvendando os espaços abertos por trajetos livres. Este sentido de trânsito, de dentro para fora e vice-versa, numa relação sempre dialógica com o ambiente, provocado pelas obras, reiterou a plena realização da missão extensionista da Universidade de Brasília.

## ...quando as formas se tornam relatos

**Ana Avelar**  
Curadora

...quando as formas se tornam relatos apresentou trabalhos de artistas contemporâneos brasileiros nos quais o viés narrativo sobressai. Muitos deles, ocuparam o edifício da Casa de Cultura da América Latina (CAL/UnB) com propostas inéditas, apropriando-se da história e do acervo da instituição. Foram instalações, intervenções, performances, projeções e vídeos que levaram em conta a precariedade do espaço onde foram instalados, ao mesmo tempo que corroboraram o sentido de resistência cultural da CAL.

Todos os artistas foram instruídos sobre as peculiaridades da Casa, em particular seu caráter pouco museal e, ainda mais importante, sua presença geográfica numa área urbana que concentra apenas serviços e comércio, socialmente impactada também pela ausência de residências<sup>1</sup>. Fora do *campus* da Universidade,

a CAL almeja oferecer-se como um espaço de trocas entre universidade e comunidade, permitindo a quem a frequente um lugar propício para um encontro com a arte contemporânea e outras manifestações culturais.

Foram disponibilizados aos artistas convidados as plantas do edifício, o mobiliário expográfico e as coleções de arte moderna e contemporânea e de cultura material. Isso possibilitou que articulassem trabalhos a partir desses objetos e informações. As propostas chamam atenção para o lugar onde foram montadas, um espaço de debates em fluxo e precariedade intrínseca, dado seu caráter de instituição pública de cultura situada na capital federal e mantida por uma universidade. Nesse sentido, enfrentando, portanto, todas as dificuldades estruturais que concernem uma instituição inserida nessa realidade.

<sup>1</sup> Há projetos para modificar o status dessa área urbana no sentido de torná-la residencial, mas há muito debate sobre o tema ainda hoje.

Diante disso, apresentaram-se narrativas visuais, entre outras formas de se contar histórias. Em alguns trabalhos, os artistas assumiram um caráter testemunhal, o que acabou por constituir um lugar do relato entre as várias proposições. Ouvimos suas vozes, acompanhamos performances, observamos relações surpreendentes que surgiram a partir de objetos apropriados e realocados, constituindo ainda discursos derivados da justaposição de diferentes propostas.

Acionando desde a área externa e a fachada do prédio até a sala da direção e os espelhos dos banheiros, os trabalhos trouxeram uma discussão sobre silenciamentos. (Nesse sentido, a mostra contou com um mapa para guiar o visitante por esse território simbólico e, ao mesmo tempo, físico. Enquanto procurava-se os trabalhos, espalhados pelos vários

espaços, o edifício revelava-se. Ele próprio, por assim dizer, falava aos visitantes).

Os artistas resgataram (no sentido de “libertação”) discursos a respeito da condição feminina, de grupos culturais negligenciados, da loucura e da margem, da arquitetura e dos espaços urbanos abandonados.

Localizado onde havia uma sala de dimensões mínimas utilizada como almoxarifado da Casa, Clarisse Tarran apresentou o vídeo *me desculpe*, 2004, no qual protagoniza a cena de uma personagem confinada, nua e vendada, a um espaço claustrofóbico e sujo; seu corpo coberto por hematomas. Loucura e aprisionamento dão o tom das imagens turvas, produzindo a impressão de um vídeo realizado sem o consentimento da personagem, como se dela roubando seu desespero privado. Há algo de

sádico naquele que observa essa mulher – como nós, do lado de cá da tela – que parece buscar incessantemente uma saída.

Ainda no âmbito das discussões sobre o que concerne a mulher hoje e ontem, Dora Smék mostrou o vídeo *Transborda*, 2015, derivado da performance *Transbordação*, sem data, realizada em outros espaços, na qual ela convida, por meio de chamada pública, mulheres para que se encontrem em determinado local e hora. Durante o encontro, depois de exercícios de conexão com o coletivo, o desafio que ela lhes coloca é de urinarem em público enquanto vestidas, diante de todos, e, assim, deixassem o recinto. Uma ação que, para a artista, se propõe a desautomatizar comportamentos adestrados ao longo da vida. As reações das participantes e do público, que presencia a performance, são as mais

diversas, abalando frequentemente a maior parte das mulheres. Neste vídeo, Dora edita a cena de um quadro cuja virilha, coberta pela calça, se umedece aos poucos. O resultado é uma imagem perturbadora – um *frame* que conta uma história secular de opressão –, e que, ao ser presenciada pelo público, produziu reações que variaram num amplo espectro, desde o fascínio à indignação.

A figura do mito artístico, a partir do caso da mulher pintora, é assunto de Gustavo Von Ha no inédito *Projeto Tarsila*, 2017. Aqui ele cria um espaço ilusionista que aborda a construção simbólica em torno da artista, a importância conferida à autoria até hoje, e a permanência de um elemento *aurático* na elaboração da crítica – e do mercado. A obra de Tarsila do Amaral – aqui apropriada da coleção da CAL – se confunde com sua figura, história e personalidade; obra e mito são frequentemente uma mesma coisa. Tarsila foi e é objeto de várias interpretações por parte da crítica e da história da arte, no Brasil e fora dele, ao longo do tempo: seja no próprio contexto do modernismo paulista a partir da ótica nacionalista

de Mário de Andrade, seja na atualidade, como personagem privilegiada de uma revisão feminista da história desse mesmo modernismo e da própria narrativa da arte local. Outro trabalho de Von Ha foi mostrado no auditório: o longa *Dreamwaves*, 2013, sobre a história de um sistema de propaganda que interfere nos sonhos, misturando realidade e ficção entre aqueles que sofreram seus efeitos.

Se o silenciamento da condição feminina é discutida por alguns desses artistas, a história contada pela arquitetura constitui tema de outros. Em *Fig.3 (espelhados)*, 2017, Renato Pera, pensando a partir de ilustrações de tratados, livros ou revistas de tipologias arquitetônicas, recobriu parte da fachada de vidro da CAL com papel metalizado, cujo brilho ofuscante, principalmente num dia de sol intenso do cerrado, incomoda a visão. Nosso olho percebe o contraste entre as diferentes superfícies; o trecho recoberto parece retirado de um jogo de montar cubos para crianças, às vezes parecendo um objeto físico, por outras, se assemelhando a uma imagem. A fragilidade do papel

faz pensar no estado deteriorado da instituição que guarda uma coleção ímpar de cultura material na capital do país.

Na mesma chave, *Gold Fever*, 2017, proposta por Laura Andreato, dispôs uma pilha de brita recoberta de dourado apenas em sua camada superficial, reforçando a ideia de que o brilho nos atrai e seduz (como no metal *fake* de Pera). Entretanto, as pequenas britas desvelam sua natureza verdadeira ao serem apropriadas, uma a uma, pelos passantes – em sua essência são exatamente isso, um material rústico, destituído de apelo estético. Se provocaram a atenção enquanto brilhavam, ao se revelarem como material barato de construção, passaram a ser consideradas um incômodo para a circulação dos transeuntes na calçada. Nessa direção, *L'Age d'Or* (um empilhamento de blocos de concreto tingidos de dourado), 2017, enfatiza a fragilidade dos espaços artísticos, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, aponta para o caráter ilusório da obra de arte enquanto detentora de valores associados à riqueza, à beleza e à sedução.

Aliada aos temas da arquitetura, Lais Myrrha dá voz às ruínas, porém também às vidas que as construíram e ocuparam – muitas das quais, perdidas – nos inúmeros projetos erguidos e hoje abandonados das cidades brasileiras. O vídeo *Delírio*, 2017, parte de um texto da artista sobre a construção de um subsolo inacabado na avenida Paulista, em São Paulo – chamado popularmente de “anexo do MASP”. A essa história somam-se outras similares. *Delírio*, por sua vez, diria respeito ao capítulo homônimo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, cuja frase célebre “viu enfim chegar o século presente, e atrás deles os futuros” é apropriada pela artista. A partir de sua voz que narra, somos levados à decadência dos projetos culturais, em seu sentido material, mas ainda em suas dimensões simbólicas e sociais.

O silenciamento, apontado na arquitetura por Pera e Myrrha, aparece nos trabalhos inéditos de Paul Setúbal, *Alvorada*, 2015-2017, e *Não estavam lá quando chegamos*, 2015-2017, articulados como uma grande instalação. Lá presenciamos uma justaposição de sacos de cimento da marca Tupi e Alvorada e uma enxada

com cabo de grandes dimensões enterrada em parte deles, fazendo com que o recheio se revelasse. Um áudio narra um episódio na vida do artista quando, ao integrar uma residência no Elefante Centro Cultural, em Brasília, em 2015, propôs um trabalho de campo no “Santuário dos Pajés”, um local do setor noroeste do Plano Piloto onde diferentes etnias indígenas lutam por salvar esse espaço em meio à devastadora e faminta exploração imobiliária. Em seu trajeto para encontrar o lugar, Setúbal se perde e os únicos a fornecerem informações sobre a localização do dito “santuário” são agentes imobiliários.

Passando do exterior para o interior dos espaços construídos, a instalação *Espaço público*, 2015, de Fábio Tremonte, deriva da montagem, em ocasião anterior, de uma gráfica aberta e gratuita, onde era possível, com o auxílio de artistas voluntários, produzir-se cartazes. Os papéis em formato de cartazes com fundo preto, dispostos no chão, são potencialmente um espaço que pode receber informações, como uma lousa a ser ocupada e, dada sua portabilidade, é possível carregá-las pelas ruas.

Se em Tremonte a proposta é oferecer um espaço de manifestação daquilo que é calado, Em *Barca Aberta*, 2017, de João Castilho, há um silêncio profundo que acompanha uma caminhonete em seu trajeto – a julgar pela paisagem, física e humana, é possível se pensar que seja o interior de quase qualquer país da América Latina. Trata-se de um percurso solidário: todos que se encontram em seu caminho são recebidos, bem como suas bagagens de naturezas diversas. Num registro que comenta a configuração social e política do país, Jaime Lauriano, em *o Brasil*, 2014, apresenta uma colagem de notícias sobre a instauração do Ato Institucional n.5 veiculadas em curtas produzidos pelo governo militar para a televisão. Nessas imagens, verifica-se uma noção de nacionalismo constituída pela exaltação de um país unificado e coeso.

Dando voz aos que não falam, Raquel Nava apropriou-se do acervo de cultura material da CAL, bem como de um esqueleto de avestruz do acervo de taxidermia do Museu de Anatomia Veterinária da UnB integrando-os aos seus trabalhos. A instalação *Vida Útil*, 2017, é compos-

ta do esqueleto associado a espanadores de penas de avestruz, ainda possíveis de serem encontrados à venda no comércio popular. Essa justaposição sugeria que o público espanasse o esqueleto com o objeto feito dos restos mortais do animal. As demais justaposições dos objetos produzidos pela artista e aqueles pertencentes ao acervo possuem em sua composição restos de animais, como cocares e bolsas, entre outros, criando um ambiente semelhante a uma mostra etnográfica. Integrando ainda a instalação *Passeio selvagem*, 2015, composições fotográficas com mãos de macaco prego aliadas a papel alumínio, e *Vanitas*, 2017, objetos produzidos com o mesmo material e envoltos por uma preciosa cúpula de vidro, completam a instalação.

Fernando Piola apresentou duas performances e duas instalações. Em *Memorial da América Latina*, 2017, o artista permanece, durante um período do dia, tentando reproduzir de memória o mapa desse espaço geográfico que, no entanto – como se sabe – é construído simbolicamente. Os resultados – exercícios de memorização – variam em termos de alcance de uma precisão impossível dado o desafio da memória e, simul-

taneamente, do próprio significado do termo “América Latina”, impreciso em sua própria natureza. Em *Autorretrato*, 2015-2017, o mesmo personagem do burocrata imerso em seu trabalho repetitivo – Piola escolhe espaços caracterizados pelo trabalho silencioso e solitário da leitura e da escrita para desenvolver essas ações – procura memorizar o verbete “eu” de dicionários provenientes de diversas áreas de conhecimento e reproduzi-los integralmente à mão, numa operação semelhante à empregada em *Memorial da América Latina*. Como em uma espécie de diário, a cada dia é transcrito de memória determinado verbete em um livro ata, que, por sua vez, permanece no local da performance quando o artista está ausente. Nos banheiros da CAL, Piola ocupa os espelhos com o trabalho *Autorretrato coletivo*, 2017, derivado da performance *Autorretrato*, com textos recortados em vinil transparente nos quais se lêem acepções do substantivo “eu” e que se mesclam à nossa própria imagem refletida. Indivíduo e coletivo se misturam nessas performances sem espaço nem tempo, experiências frequentes entre nós que oscilamos desconfortavelmente entre esses dois pontos de vista.

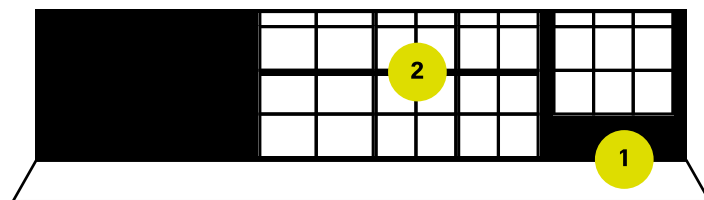
Já em *Fisiologia das Paixões*, 2017, trabalho em processo mostrado pela primeira vez no contexto desta exposição, Piola reconhece nas expressões de ministros do Supremo Tribunal Federal expressões humanas correspondentes àquelas publicadas no manual vinculado ao ensino acadêmico francês de pintura intitulado *Conférence de Monsier Le Brun, Premier Peintre du Roy de France, Chancelier et Directeur de l'Academie de Peinture et Sculpture: Sur l'Expression générale et particulière* (Charles Le Brun, Paris, 1698).

Enfim, com o mapa em mãos, os trabalhos se revelavam aos poucos aos público que descobria, ao mesmo tempo, os espaços silenciosos da CAL nos quais falavam os artistas que, como coloca o curador e teórico francês Nicolas Bourriaud, “trabalham num novo recorte das narrativas históricas e ideológicas, inserindo seus elementos em enredos alternativos”<sup>2</sup>. Sendo assim, esta mostra constituiu-se de contos sensíveis sobre a subjetividade e as vivências do Eu e do Outro, daquilo que efetivamente compõe o contemporâneo na diversidade das conjunturas atuais.

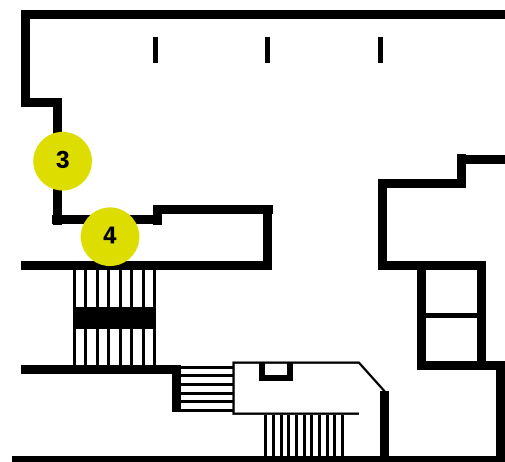
<sup>2</sup> BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 49.



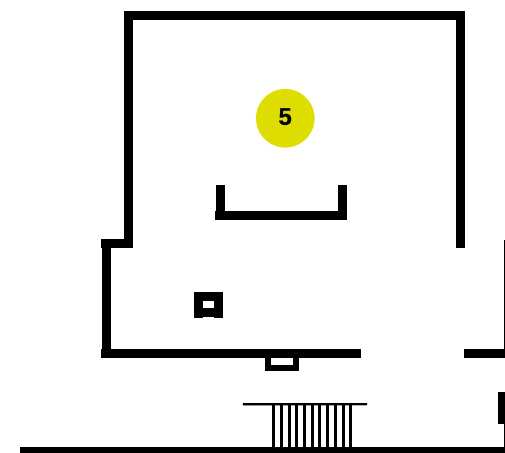
# Mapa da exposição



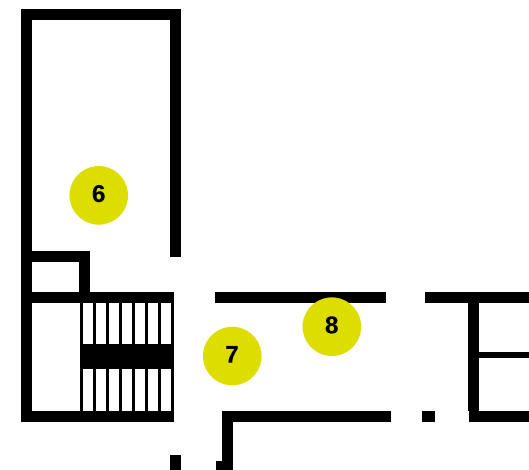
Fachada



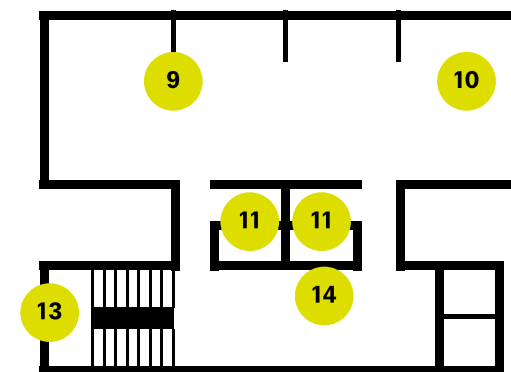
Térreo



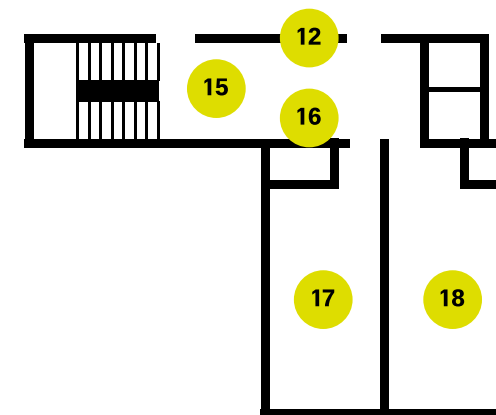
Subsolo



1º andar



2º andar



3º andar

- 1 Laura Andreato**  
*Gold Fever*, 2017  
pedra britada  
e spray dourado
- 2 Renato Pera**  
*FIG. III (Espelhados)*, 2017  
papel espelhado  
sobre arquitetura
- 3 Gustavo Von Ha**  
*Dreamwaves*, 2013  
vídeo, cor, som Dolby 5.0  
duração 50'
- 4 Clarisse Tarran**  
*me desculpe*, 2004  
vídeo instalação  
duração 4'
- 5 Gustavo Von Ha**  
*Projeto Tarsila*, 2017  
desenhos sobre papel  
antigo e objetos
- 6 Fernando Piola**  
*Autorretrato*, 2015-2017  
caneta esferográfica sobre  
livro ata encadernado  
com costura
- Memorial da América Latina*,  
2017  
tipografia sobre capa dura  
revestida de couro e caneta  
permanente sobre filme  
poliéster e papel manteiga
- 7 Laura Andreato**  
*Lições de Economia para  
Iniciantes*, 2017  
moedas de chocolate,  
feltro e vitrine
- 8 Fábio Tremonte**  
*Espaço Público*, 2015  
cartazes
- 9 Raquel Nava**  
*Vida Útil*, 2017  
objetos e fotografias
- 10 Paul Setúbal**  
*Alvorada*, 2015 - 2017  
cimento e áudio
- Não estavam lá quando  
chegamos*, 2015 - 2017  
cimento, enxada, madeira  
encontrada, terra e bandeira  
de algodão cru
- 11 Fernando Piola**  
*Autorretrato Coletivo*, 2017  
recorte em vinil adesivo
- 12 Dora Smék**  
*Transborda*, 2015  
vídeo full hd  
corpo: Mônica Cristina.  
câmera: Rafael Frazão  
duração 1' 20'
- 13 Fernando Piola**  
*Fisiologia das Paixões*, 2017  
impressão a jato de tinta  
sobre papel
- 14 Jaime Lauriano**  
*o brasil*, 2014  
vídeo  
duração 18' 56"
- 15 Laura Andreato**  
*L'Age d'Or*, 2017  
blocos de cimento, pallet  
e spray dourado

# OBRAS



## Gold Fever

Laura Andreato



Laura Andreato  
*Gold Fever*, 2017  
pedra britada  
e spray dourado

**FIG. III (Espelhados)**

Renato Pera

Renato Pera  
*FIG. III (Espelhados)*, 2017  
papel espelhado  
sobre arquitetura

FIG. 3

Galeria Cal

## Dreamwaves

Gustavo Von Ha



Gustavo Von Ha  
*Dreamwaves*, 2013  
vídeo, cor,  
som Dolby 5.0  
duração 50'



## me desculpe

Clarisse Tarran

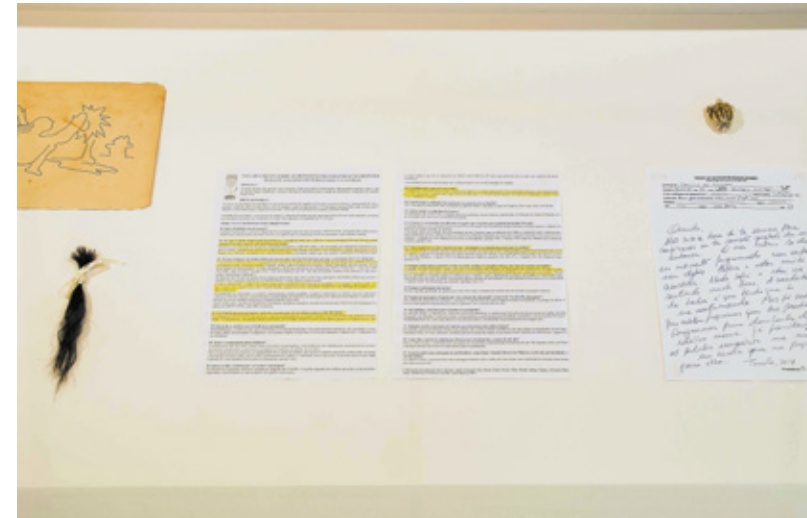


Clarisse Tarran  
*me desculpe*, 2004  
vídeo instalação  
duração 4'



## Projeto Tarsila

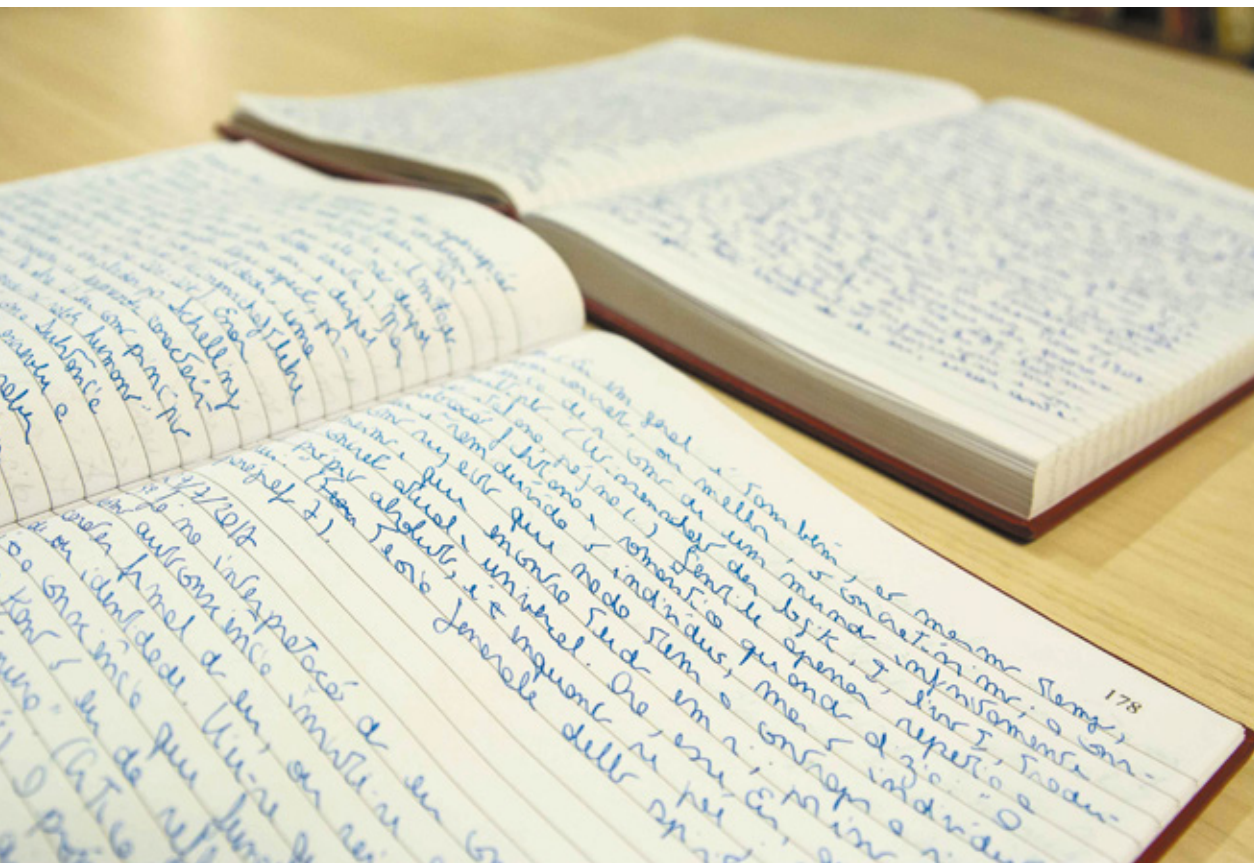
Gustavo Von Ha



Gustavo Von Ha  
Projeto Tarsila, 2017  
desenhos sobre papel  
antigo e objetos

# Autorretrato

Fernando Piola



Fernando Piola  
*Autorretrato*, 2015-2017  
 caneta esferográfica sobre  
 livro ata encadernado  
 com costura



## Memorial da América Latina

Fernando Piola

Fernando Piola  
*Memorial da América Latina*, 2017  
tipografia sobre capa dura revestida  
de couro e caneta permanente sobre  
filme poliéster e papel manteiga





# Lições de Economia para Iniciantes

Laura Andreato



Laura Andreato  
*Lições de Economia para  
Iniciantes, 2017*  
moedas de chocolate,  
feltro e vitrine



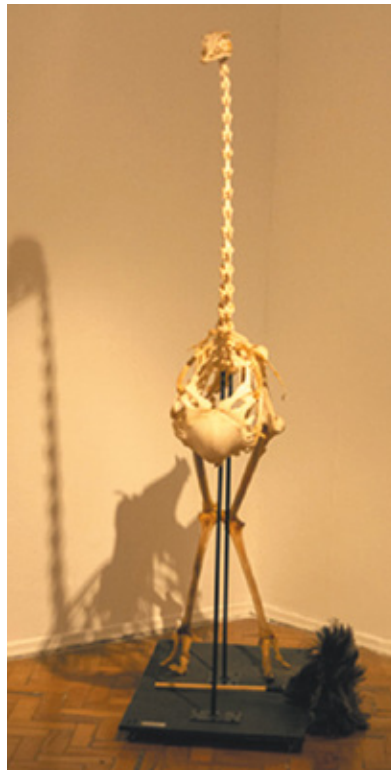
Fábio Tremonte  
*Espaço Público*, 2015  
cartazes

## **Espaço Público**

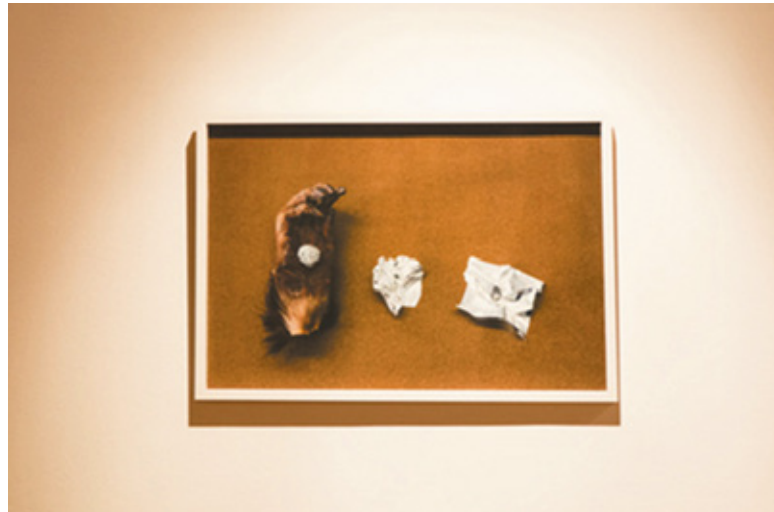
Fábio Tremonte

## Vida Útil

Raquel Nava



Raquel Nava  
*Vida Útil*, 2017  
objetos e fotografias



## Alvorada

Paul Setúbal



Paul Setúbal  
*Alvorada*, 2015 - 2017  
cimento e áudio

# Não estavam lá quando chegamos

Paul Setúbal

Paul Setúbal  
*Não estavam lá quando chegamos*, 2015-2017  
cimento, enxada, madeira encontrada,  
terra e bandeira de algodão cru



ndividuo a não levar em  
 si mesmo; egocentrismo  
 (os anos de 1980, na fra  
 na década do eu); 5 psic  
 ; eu lírico, literatura, no  
 a a subjetividade do po  
 qual o mundo exterior  
 cia interior [Pode apre

Fernando Piola  
*Autorretrato Coletivo*, 2017  
 recorte em vinil adesivo



## Autorretrato Coletivo

Fernando Piola

## Transborda

Dora Smék



Dora Smék  
*Transborda*, 2015  
 vídeo full hd  
 corpo: Mônica Cristina.  
 câmera: Rafael Frazão  
 duração 1' 20"

## o brasil

Jaime Lauriano



Jaime Lauriano  
*o brasil*, 2014  
 vídeo  
 duração 18' 56"

**O Medo**

Mas se não há possibilidade de obter aquilo que desejamos, então o medo ou a falta de esperança toma o lugar da esperança, e o movimento do medo se exprime pela sobrancelha um pouco elevada no lado do nariz, a pupila cintilante e num movimento inquieto, situada no meio do olho, a boca (...) recolhendo-se para trás, e mais aberta pelas laterais que pelo meio, tendo o lábio inferior mais recolhido que aquele superior. A vermelhidão é maior do que no amor ou no desejo, mas ela não é tão bela, porque tem a cor lívida, os lábios estão da mesma maneira, e eles são também mais secos, quando a paixão do amor transforma o medo em ciúme.

LE BRUN, Charles. Conférence de Molière (Le Brun, Académie Royale du Roy de France, Chancelier et Directeur de l'Académie de Peinture et Sculpture Sur l'Expression générale et particulière, Paris, 1698. Tradução Joaquim Ferreira de Almeida Ivo).

**O Medo**



LINDNER, Juliana. L'expressão da vida que inspira o formoso da Dama Helena (Grupo na Alemanha) (Joaquim Ferreira de Almeida Ivo). Arquivo do Museu de Arte de São Paulo, 28 out. 2016. Disponível em <http://picturaestados.com.br>. Acesso em 21 ago. 2017.

Fernando Piola  
*Fisiologia das Paixões*, 2017  
impressão a jato de tinta  
sobre papel

**O Desejo**

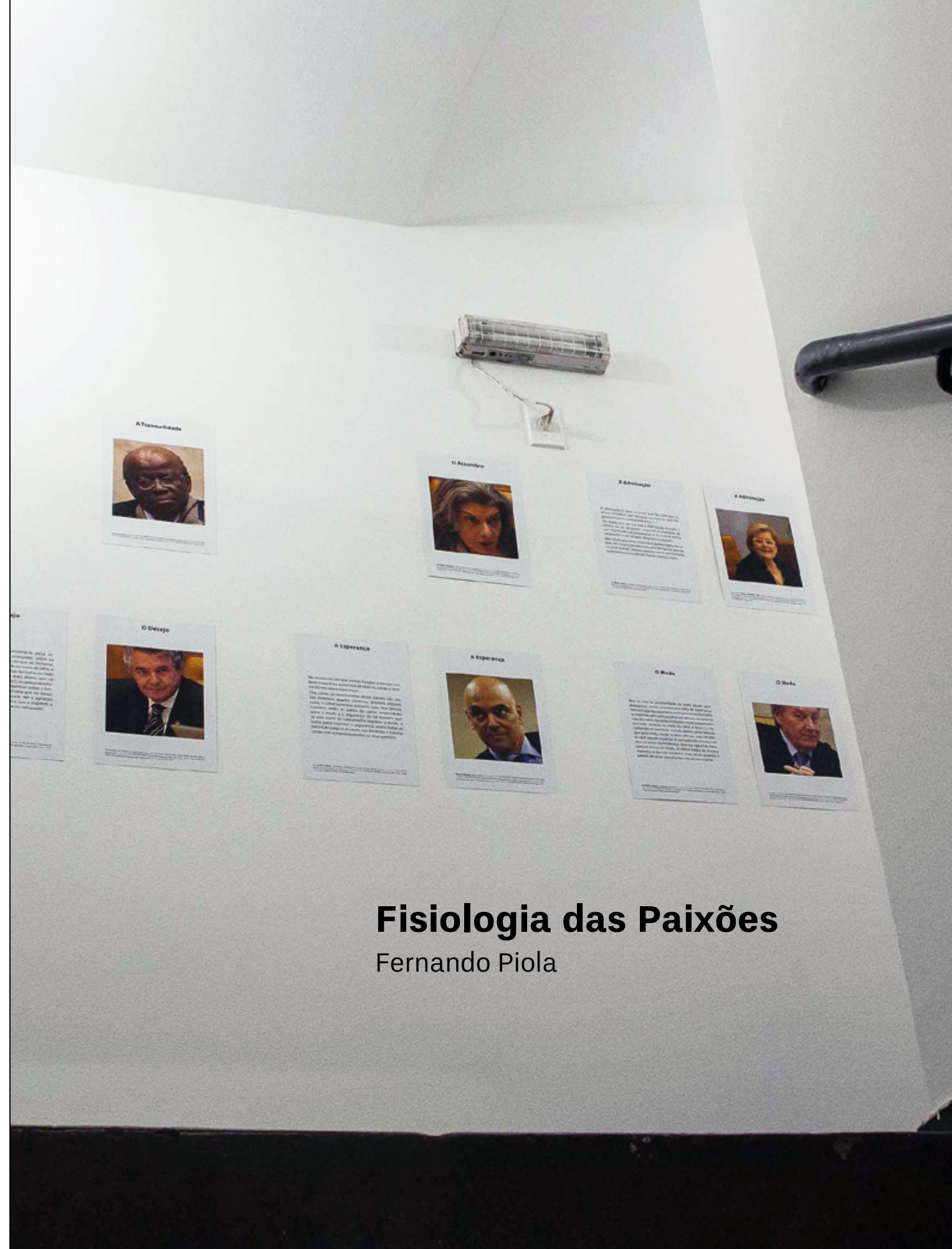
Se há desejo, podemos representá-lo pelas sobrancelhas pressionadas e avançadas sobre os olhos que serão mais abertos do que de costume, a pupila encontrar-se-á situada no meio do olho, e repleta de fogo, as narinas mais fechadas no lado dos olhos, a boca é também mais aberta que na ação precedente [Amor simples], os cantos recolhidos para trás, a língua pode aparecer sobre a borda dos lábios, a cor mais inflamada que no Amor; todos esses movimentos fazendo ver a agitação da alma causada pelos espíritos que a dispõem a querer um bem que lhe parece ser adequado.

LE BRUN, Charles. Conférence de Molière (Le Brun, Académie Royale du Roy de France, Chancelier et Directeur de l'Académie de Peinture et Sculpture Sur l'Expression générale et particulière, Paris, 1698. Tradução Joaquim Ferreira de Almeida Ivo).

**O Desejo**



Sociedade não é utopia, é inspirável pelos seus políticos, é a maioria. (manchete) Alencar Moraes Araújo Melo, do Supremo Tribunal Federal (legenda imagem). Foto: STF, 5 fev. 2016. Disponível em: <http://br.globonews.com>. Acesso em 21 de agosto de 2017.



# Fisiologia das Paixões

Fernando Piola

## L'Age d'Or

Laura Andreato



## Lastro, Empilhamento e Circulação

Laura Andreato

Laura Andreato  
*L'Age d'Or*, 2017  
blocos de cimento, pallet  
e spray dourado  
(ao lado)

Laura Andreato  
*Lastro, Empilhamento  
e Circulação*, 2017  
tinta a óleo sobre recortes  
de caixas de papelão





# Delírio

Lais Myrrha

Lais Myrrha  
*Delírio*, 2017  
vídeo, cor, stereo,  
duração 10'



# Barca Aberta

João Castilho



João Castilho  
*Barca Aberta*, 2017  
vídeo full hd, som stereo  
duração 11' 52"

ARTISTAS

**CLARISSE TARRAN**

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É artista multimídia e programadora visual, sócia-fundadora da galeria Durex Arte Contemporânea no Rio de Janeiro (2007-2010), foi assistente de direção da EAV, Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro, ministrou orientação artística no Polo Experimental Museu Bispo do Rosário, participou de coletivos de artes visuais e arte/política, entre outros. Participou de diversas exposições coletivas e Festivais de Vídeo entre 2001 e 2017 em países como Brasil, Portugal, Polônia, EUA e Alemanha. Entre as suas exposições individuais estão: “O Homem Botânico”, Durex Arte Contemporânea-RJ, “I Speak”, CSV-Nova York, EUA e Sergio Porto- RJ, “Outras Ordens”, Centro Cultural Candido Mendes, RJ.

**DORA SMÉK**

Vive e trabalha em São Paulo. Sua produção atual se expande para performances, instalações, objetos, vídeos, áudios e fotografias, sempre abordando questões referentes aos moldes do corpo social e seus limites. Em 2016, reuniu 25 mulheres por meio de convocatória pública em *Transbordação* no Sesc Bom Retiro (São Paulo-SP) e em 2015, no evento Performance em Encontro no Sesc Campinas. Mestra em Artes Visuais pela Unicamp (2019) e Graduada em Artes do Corpo pela PUC-SP (Dança e Performance, 2011). Foi atriz do Teat(r)o Oficina em 2011/2012 e Participou do Frankfurter Positionen Festival em Frankfurt na Alemanha e do Kunstenfestivaldesarts em Bruxelas na Bélgica com Marcelo Evelin/Demolition Inc em 2015 e 2014. Em 2019, foi premiada no 47o Salão de Arte Contemporânea Luiz Sascilotto (Santo André- SP), em 2018, foi artista residente do Pivô Arte Pesquisa (São Paulo - SP), participou de exposições na Casa Niemeyer (Brasília - DF), no Auroras (São Paulo - SP), no 17o Salão de Arte de Jataí (Jataí-GO), na Galeria Andréa Rehder Arte Contemporânea (São Paulo - SP), no Elefante Centro Cultural (Brasília - DF), e na C. Galeria (Rio de Janeiro - RJ). Em 2017, participou da 13a Mostra VERBO de Performance Arte na Galeria Vermelho e na Galeria Tato (São Paulo - SP).

**FÁBIO TREMONTE**

Vive e trabalha em São Paulo. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes com qualificação em multimídia e intermídia na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Participou de várias exposições coletivas, com destaques para “Abre Alas” na Galeria A Gentil Carioca, “Não Mais Impossível” no CCBB Fortaleza, “Porque Sim” na Galeria Millan e “Exposição de Verão” na Galeria Silvia Cintra + Box4 (2011), 15º Salão da Bahia no Museu de Arte Moderna da Bahia (2008), Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2005), Ocupação no Paço das Artes (2005), Artista Personagem no Maria Antonia (2004) e Vizinhos na Galeria Vermelho (2003). Dentre suas individuais destacam-se “Ilhas” no MARP (2010), “Nada Mais” no Ateliê 397 (2009), “Vista Para o Mar” no Centro Cultural São Paulo (2006), “Paisagem #4” no Paço das Artes (2005). Trabalha como educador em instituições culturais – com oficinas e cursos de treinamento para professores; coordenou o programa educacional da 28th. Bienal de São Paulo.

**FERNANDO PIOLA**

Vive e trabalha em São Paulo. Indicado ao PIPA 2015. Graduado pelo curso de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, SP, em 2007. Fernando Piola realizou desde 2008 quatro exposições individuais em museus e instituições de São Paulo, SP. Dentre as exposições coletivas de que participou destacam-se: Prêmio Arte e Patrimônio (Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2014), 13ª Bienal de Istambul, Turquia (2013) e “O Agora, O Antes: uma síntese do acervo do MAC USP”, São Paulo (2013). Inicialmente interessado nas contradições cristalizadas no espaço público da cidade e em seus manuais Fernando Piola realiza intervenções paisagísticas e livros de artista. De um modo geral, por meio do recurso da ambigüidade e da apropriação de imagens e informações, seus trabalhos pretendem articular na sua poética uma crítica às tensões presentes na vida urbana.

**GUSTAVO VON HA**

Vive e trabalha em São Paulo. Graduado em Comunicação pela Universidade do Oeste Paulista, São Paulo, SP, em 2001. Dentre suas exposições individuais destacam-se: “Inventário; Arte Outra”, MAC USP, São Paulo (2016-2017), “Dreamwaves – Antena dos Sonhos” Filme-instalação, MAC USP, São Paulo (2013-2014), “Heist Films”, MON (Museu Oscar Niemeyer), Curitiba (2014), “Heist Films, A Window in Berlin - Solo Project”, Berlim (2013), “Double Crossing”, Latin American Art Project, Tóquio (2011), “Images Réfléchies”, Sycomore Art Galerie, Paris (2008) e “Private Addiction”, Nassau Community College, Garden City, EUA (2008). Das exposições coletivas: “Metrópole: Experiência Paulistana”, Estação Pinacoteca, São Paulo (2017), “A Cor Do Brasil”, MAR (Museu de Arte do Rio), Rio de Janeiro (2016), “Suspicious Minds”, Galeria Vermelho, São Paulo (2013), “Folhas De Viagem”, MAC USP, São Paulo (2012) e “10th Latin American Art Today”, Promo-Arte Gallery, Tóquio (2009-10). Em 2014, Von Ha ganhou o prêmio Marcantonio Vilaça (Funarte) pelo projeto “Heist Films” e foi indicado ao Prêmio PIPA em 2015 e 2017.

**JAIME LAURIANO**

Vive e trabalha em São Paulo. Graduiu-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, no ano de 2010. Entre suas exposições mais recentes, destacam-se as individuais: “Nessa terra, em se plantando, tudo dá”, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro (2015), “Autorretrato em Branco sobre Preto”, Galeria Leme, São Paulo (2015), “Impedimento”, Centro Cultural São Paulo, São Paulo (2014) e “Em Exposição”, Sesc, São Paulo (2013). Entre as coletivas destacam-se: “Totemonumento”, Galeria Leme, São Paulo (2016), “10TH Bamako Encounters”, Museu Nacional, Bamako, Mali (2015), “Empresa Colonial”, Caixa Cultural, São Paulo (2015), “Frente a Euforia”, Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo (2015), “Tatu: futebol, adversidade e cultura da caatinga”, MAR (Museu de Arte do Rio), Rio de Janeiro (2014), “Taipa-Tapume”, Galeria Leme, São Paulo (2014). Possui trabalhos nas coleções públicas da Pinacoteca do Estado de São Paulo, e do MAR - Museu de Arte do Rio. Com trabalhos marcados por um exercício de síntese entre o conteúdo de suas pesquisas e estratégias de formalização, Jaime Lauriano nos convoca a examinar as estruturas de poder contidas na produção da História. Em peças audiovisuais, objetos e textos críticos, Lauriano evidencia como as violentas relações mantidas entre instituições de poder e controle do Estado – como polícias, presídios, embaixadas, fronteiras – e sujeitos moldam os processos de subjetivação da sociedade. Assim, sua produção busca trazer à superfície traumas históricos relegados ao passado, aos arquivos confinados, em uma proposta de revisão e reelaboração coletiva da História.

**JOÃO CASTILHO**

Vive e trabalha em Belo Horizonte. É artista visual e trabalha com fotografia, vídeo e instalação. João é mestre em Artes Visuais pela UFMG, 2010. Realizou as exposições individuais “Tempero”, Galeria Celma Albuquerque, Belo Horizonte (2010), “João Castilho”, Fundação Joaquim Nabuco, Recife (2010), “Disruption”, 1500 Gallery, Nova York, EUA (2012), “Prélio”, Galeria Arlinda Corrêa, Palácio das Artes, Belo Horizonte (2014), entre outras. Participa regularmente de coletivas no Brasil e no exterior como “Cães Sem Plumas”, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife (2014), Bienal Internacional de Curitiba (2013), 1ª FotoBienal MASP, Museu de Arte de São Paulo, São Paulo (2013), “Convite à Viagem”, Rumos Artes Visuais, Paço Imperial, Rio de Janeiro (2013), “Elóge du Vertige”, Maison Européenne de la Photographie, Paris (2012), “Mythologies”, Shiseido Gallery, Tóquio (2012), entre outras. Tem obras nos acervos do MAM de São Paulo, no MAM da Bahia, no MASP, no MAR, no Musée du Quai Branly, na Coleção Itaú, no Tokyo Metropolitan Museum of Photography, entre outros. Seus trabalhos tem inspiração no cinema, na literatura, na arte, na cultura popular, na atualidade e em sua própria história, oscilando entre a memória pessoal e coletiva. João explora temas existenciais e políticos da vida e da morte, do bem e do mal, da inocência e da culpa, da pulsão e do medo.

**LAIS MYRRHA**

Vive e trabalha em São Paulo. É representada pela galeria Jaqueline Martins e foi indicada ao prêmio PIPA nos anos de 2010, 2012, 2013, 2015 e 2016. Mestre pela Escola de Belas-Artes da UFMG, 2007 e graduada no curso de artes plásticas pela Escola Guignard, UEMG, 2001. Desde 1998 participou de diversas exposições coletivas e individuais, tais como I Bolsa Pampulha (2003), do Programa Trajetórias do Centro Cultural Joaquim Nabuco, Recife (2005), Edição 2005/2006 do Programa Rumos Visuais do Instituto Itaú Cultural (São Paulo), “Blind Field” no Karnnet Museum, Illinois, USA (2013), e “Zona de Instabilidade” na CAIXA Cultural São Paulo e Brasília (2013-2014). Em 2010, participou da “Paralela10” no Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo. Em 2011, integrou a Temporada de Projetos do Paço das Artes, São Paulo, e a 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, e foi premiada no I Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea, Brasília. Em 2013, foi selecionada para o 18º Festival Internacional de Arte Contemporânea do Videobrasil.

**LAURA ANDREATO**

Vive e trabalha em São Paulo. É formada em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes USP e possui mestrado em Poéticas Visuais na mesma instituição. Dentre as exposições mais recentes de que participou, destacam-se as mostras “Le Royale” La Maudite, Paris (2014), “Deslize” MAR (Museu de Arte do Rio), Rio de Janeiro (2014), “Paradiso”, Vitrines do MASP no Metrô, São Paulo (2012), “Comic San”, Centro de Cultura Contemporânea de Quito, Equador (2012) e “Café Vacance”, Funarte, São Paulo, (2009). Em 2014, esteve em residência na Cité des Arts, selecionada pelo Institut Français para desenvolver o projeto “Anotações sobre Jardins: Paris e arredores”. Em 2008 e em 2012, foi contemplada pelo edital do ProAc em artes visuais realizando respectivamente os projetos “Como Pintar Picos Nevados” e “Nome Fantasia”. Em 2006, foi selecionada pela Bolsa Iberê Camargo para residência no ateliê de gravura da instituição. Também foi contemplada com o prêmio aquisição do Programa de exposições do Centro Cultural São Paulo em 2004.

**PAUL SETÚBAL**

Vive e trabalha entre Brasília, Goiânia e São Paulo. É artista visual e pesquisador, Doutor em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, 2018, e membro do coletivo performático Grupo EmpreZa. Participou das exposições individuais “Corpo Fechado”, C Galeria, Rio de Janeiro (2018), “Dano e Excesso”, Galeria Andrea Rehder, São Paulo (2016) e “Aviso de Incêndio”, Elefante Centro Cultural, Brasília (2015). Das exposições coletivas: “Demonstração por Absurdo”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2018), “As Bandeiras da Revolução”, Fundação Joaquim Nabuco, Recife (2017), “Osso”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2017), “Dark Mofa”, Museum of Old and New Art, Tasmânia, Austrália (2016), “Behind the sun”, HOME, Londres, Inglaterra (2016), “A Cor do Brasil”, MAR (Museu de Arte do Rio), Rio de Janeiro (2016), “Terra Comunal: Marina Abramovic + MAI”, Sesc Pompéia, São Paulo (2015), entre outras. Sua pesquisa se desenvolve em diversos meios como escultura, instalação, desenho, pintura, vídeo, fotografia e performance, abordando as problemáticas e simbologias do corpo na sociedade contemporânea, seu uso, controle, relações de violência, resistência, abuso e poder.

**RAQUEL NAVA**

Vive e trabalha em Brasília, DF. Formou-se em Artes Visuais pela Universidade de Brasília/UnB, 2007, obteve título de mestre em Poéticas Contemporâneas pela mesma instituição, 2012 e foi aluna da Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires/UBA, 2005. Foi tutora e professora de licenciatura em Artes Visuais da UAB/UnB (2010-2014). Possui obras no acervo do Museu Nacional da República de Brasília, no Centro Cultural Universidade Federal de Goiás/UFG e na Fundação Boghossian, em Bruxelas. Expõe com regularidade desde 2006. Entre as suas exposições individuais estão: “SUTURAS”, Portas Vilaseca, Rio de Janeiro (2017), “Besta Fera Pop Fauna” Alfinete Galeria, Brasília (2017), “Passeio Selvagem”, Referência Galeria, Brasília (2015), “Projeto Nazca”, Galeria El Paseo, Lima (2015), “A morte chega cedo”, Galeria Alfinete, Brasília (2015), “Combinação (arranjo e acordo)”, Espaço Piloto/UnB, Brasília (2014), “Le Royal”, La Maudite, Paris (2014), “VER-ME VERME”, Espaço Cultural Contemporâneo- ECCO, Brasília (2011). Em seu trabalho recente, Raquel investiga o ciclo da matéria orgânica e inorgânica em relação aos desejos e hábitos culturais.

**RENATO PERA**

Vive e trabalha em São Paulo. É artista multimídia graduado em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo, 2010, onde realiza atualmente o seu doutorado. É propositos inquieto de obras realizadas em espaços públicos, como o Projeto “Vitrinas MASP / Metrô de São Paulo”, concebendo e inaugurando o programa, e então atuando como seu coordenador para a exposição do trabalho de mais de vinte outros artistas (2011 a 2014). Além de intervenções na cidade do Rio de Janeiro (“Vazão”, 2015, Galeria A Gentil Carioca), e São Paulo (“Cosmogonia”, 2012, Ateliê 2e1, e intervenções no Campus Butantã da USP, 2006, 2007 e 2008). Realizou exposições individuais e participou de diversas mostras coletivas, dentre as quais destacam-se: “Red Bull Station” São Paulo (2014), Bienal de Ural, Rússia (2012), “Quase a última foto”, Porto Alegre (2012), “La Otra”, Bogotá, Colômbia (2011), “Aluga-se”, São Paulo (2010) e “Jus- tapostos”, Paço das Artes, São Paulo (2009). Seu trabalho integra coleções do Município de Atibaia, SP e do Museo Diego Rivera – Anahuacalil, Cidade do México. Interessa-se pelo cruzamento de linguagens e disciplinas.

# CURADORIA

## **ANA AVELAR**

Ana Cândida de Avelar é crítica, curadora e professora de Teoria, Crítica e História da Arte na Universidade de Brasília (UnB). Lançou "A Raiz Emocional: arte brasileira na crítica de Lourival Gomes Machado" em 2015. Nesse período, foi coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Mediação do Centro Universitário Maria Antonia – USP, onde curou exposições em 2008, 2012 e 2013. Tem realizado exposições no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), no Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte (CCBB-BH) e na Casa Niemeyer, em Brasília. Foi finalista do Prêmio Marcantonio Vilaça na categoria curadoria (2017), membro do comitê de indicação do Prêmio PIPA (2017/2019) e de seleção do Programa Rumos Itaú Cultural (2017).

## Ficha Técnica da exposição

### *Quando as Formas se Tornam Relatos*

Curadoria | Ana Avelar

Curadora assistente | Gisele Lima

Assistente de curadoria | Marcella Imparato

---

#### **Universidade de Brasília**

Reitora | Márcia Abrahão Moura

#### **Decanato de Extensão da UnB**

Decana | Olgamir Amancia

#### **Casa da Cultura da América Latina (CAL)**

Diretor | Alex Calheiros

---

#### **Equipe CAL**

Produção | Estefânia Dália e Gisele Brito

Montagem | José Carlos

Comunicação | Vilany Kehrlé

Design gráfico | Helena Lamenza

Apoio administrativo | Luciene Ferreira, Maurício Santos e Valeska Fabiana

Apoio à produção | Sangelo Vasconcelos

Estagiários | Amanda Costa, Carmem Mee, Ian Viana, Janiane Castro, João Marcelo Marques e Vitor Prazeres

#### **Agradecimentos**

Ana Lúcia Costa, Cecília Bona, Clauder Diniz, Christus Nóbrega, Dalton Camargos, Denise Camargo, Felipe Lacerda, Raphael Jardim, a todos os artistas, à equipe da CAL e do Decanato de Extensão (DEX-UnB).